

SENA & SOPHIA: CENTENÁRIOS

Gilda Santos, Luci Ruas e Cerdeira e Teresa Cristina (ed.) (2020).

Sena & Sophia: centenários

(Rio de Janeiro: Bazar do Tempo)

Em *Linguagem e Silêncio*, George Steiner afirma que «o crítico vive em segunda mão. Escreve *sobre*» (2014: 20). Segundo o mestre, a crítica literária esgota-se em si própria, na medida em que não deverá ser o «escrever sobre», mas sim o ler o mundo e o fazer perguntas os principais objetivos, entre outros, da literatura. Os grandes autores e as grandes obras, isto é, os clássicos, são livros que «nunca acaba[aram] de dizer o que t[ê]m para dizer», Calvin *dixit*, ao mesmo tempo que convocam sobre si inúmeros discursos críticos, livrando-se, porém, de todos eles continuamente.

Num tempo em que o pensamento é relativizado e as humanidades postas de lado por não apresentarem nenhuma utilidade prática ou lucro imediatos, o papel do crítico ganha renovada importância.

Em primeiro lugar, são cada vez menos aqueles que se dedicam a pensar sobre a literatura e a arte; depois, continua a existir um preconceito contra a crítica, acusando-a de ser grisalha e fechada sobre si própria, quando, na verdade, num mundo cada vez mais líquido, digital e global, a interdisciplinaridade tornou-se condição *sine qua non* para o pensamento; por fim, o crítico deve hoje contribuir para uma leitura e um pensamento mais inteiros, ou pelo menos mais conscientes. Se o artista é alguém que consegue criar aquilo que sempre existira, mas em que ninguém havia reparado, o crítico poderá ser alguém que tem à sua disposição as ferramentas necessárias para conseguir ver melhor. Não por ter uma inteligência acima da média, mas por ser alguém que lê muitas e variadas obras, que pesquisa nas bibliotecas, que escreve e que pensa sobre o que leu. Alguém que dedica muitas horas aos livros e ao pensamento.

A crítica também é uma forma de ler, de pensar e de fazer perguntas.

O volume *Sena e Sophia: centenários* tem o condão de juntar quarenta especialistas de diversas áreas do conhecimento que pensam e escrevem sobre música, literatura, cinema, cultura, história, filosofia, sexualidade e identidade.

Fruto do congresso realizado entre os dias 2 e 5 de setembro de 2019 no Real Gabinete Português de Leitura e na Universidade Federal do Rio de Janeiro, esta obra pretendeu homenagear Jorge de Sena e Sophia de Mello Breyner Andersen como duas das mais importantes figuras da cultura e da literatura portuguesas do século xx.

As organizadoras da obra — Gilda Santos, Luci Ruas e Teresa Cristina Cerdeira — espelham o rigor científico e a seriedade do livro, o que se espalha em todos os textos e autores escolhidos.

No texto de Luís Filipe Castro Mendes, «Sena e Sophia: escrever no princípio do mundo», encontramos a pedra de toque daquilo que será o volume dedicado à escrita dos homenageados, o impulso inicial e a força pujante e criadora da palavra poética como princípio do mundo. Sena e Sophia são atores do seu tempo, mas as suas lutas são também a consciência de que a «ameaça à liberdade é ameaça mortal tanto à dignidade de que nos fala Sena como à justiça de que nos fala Sophia» (p. 25). O deslumbramento da palavra habitará todo este livro, dividido em quatro secções, sendo a primeira a conferência de abertura agora referida.

Na segunda parte do livro, intitulada «Sena: capitão de tempestades», encontramos 16 reflexões diversas e ao mesmo tempo complementares. Diversas porque abordam múltiplos aspetos da obra, do percurso e da sensibilidade de Jorge de Sena, que para além de poeta e romancista, foi um exímio crítico literário, nomeadamente das obras de Camões e de Pessoa, sendo ainda um melómano.

O texto de Rui Vieira Nery expõe a grandeza de um poeta ao mesmo tempo criador de metáforas e de mundos, mas também de uma musicalidade única, não só pela experiência escrita, mas também devido à sensibilidade musical de um homem humanista e eclético, qual imagem do herói da Renascença. Em todos os textos é realçado o carácter

multifacetado e multidisciplinar de um homem a braços com uma forma de escrever e de ver o mundo que o coloca ao mesmo tempo em rota de colisão com o seu tempo e com a ditadura salazarista. Da crítica literária à tradução, da poesia à prosa, passando pelas relações pessoais e pelo imaginário estético e íntimo, Jorge de Sena, tal como Sophia, são artistas que escrevem sobre um devir absoluto, luminoso e justo.

De uma forma ou de outra, é isso que encontramos nesta segunda parte da obra, assim como na terceira, dedicada a Sophia e intitulada «Sophia: ‘no esplendor da maresia’». Com textos de 12 estudiosos de diversas origens e formações, são evidenciados os traços característicos presentes nos contos infanto-juvenis, assim como o imaginário da fruta, do mar e da infância numa poeta que, como Sena, se confronta com um país injusto e corrupto, debaixo dos algozes do medo e da hipocrisia salazarista.

A ponte entre o tempo passado e o presente torna-se, portanto, necessária e clara, pois se antes era o medo da ditadura salazarista, hoje é o receio de um mundo a braços com uma sociedade cada vez mais distante dos valores humanos e alienada pelos novos deuses das redes sociais, pelos vírus e guerras. Poetas que continuam a falar para o tempo presente e para o futuro, tal é a transversalidade e universalidade dos temas que abordam e da sua sensibilidade.

A quarta e última parte, intitulada «Sena & Sophia & outras vozes: “cartas poemas e notícias”», aborda as relações de ambos com outros artistas portugueses, e não só, do seu tempo. Nesses 11 textos, como aliás, em todos os outros, seja através da crítica literária, das reflexões pessoais e apontamentos, da prosa, das traduções, da correspondência ou de antologias, Sena e Sophia revelam um amor à pátria consubstanciado em Camões.

O exílio, dentro e fora do país, a noção da busca constante de uma outra coisa que não é nem está aqui nem agora, o Portugal futuro, a língua futura, o amor futuro. É em Camões, símbolo de uma epopeia e de uma civilização de língua portuguesa, que ambos (re)constróem e ajudam a construir um imaginário secular: o de um país livre e criador de cultura, fraternidade e beleza.

O livro é entremeado com poemas de Sena e Sophia, entre os quais alguns inéditos, o que lhe confere não só uma leveza e frescura, como também a certeza que os ensaístas que aí figuram são conhecedores curiosos e amadores das obras dos autores homenageados.

Só deste modo é que podemos compreender uma das grandes missões da literatura, que é «dar-nos a conhecer o que estava em nós, mas que ignorávamos por nos faltarem as palavras» (Compagnon 2010: 25).

Essas palavras chegam-nos pelos romancistas e pelos poetas, é certo, mas é a crítica sem preconceitos ou isenta de academismos formais, como a que vai plasmada nesta obra, que fazem o conhecimento avançar ou que, pelo menos, permitem acender um fósforo que traz a possibilidade da consciência da escuridão à nossa volta.

REFERÊNCIAS

COMPAGNON, Antoine (2010). *Para que serve a Literatura?* Porto: Deriva Editores.

STEINER, Georges (2014). *Linguagem e Silêncio*. Lisboa: Gradiva.

JOSÉ VIEIRA
Cátedra Manuel Alegre, Università degli Studi di Padova
jose.vieira@unipd.it